

INFLUENCIA DA ESCRITA SOBRE A ORALIDADE: MUDANÇA DE COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO EM EVANGÉLICOS MENOS ESCOLARIZADOS

Max Alex de Souza Campello (UNIGRANRIO).
cadulex@yahoo.com.br

1. Introdução

Infelizmente, ainda há, no Brasil, uma grande concentração de indivíduos que não vão mais à escola ou porque terminaram o ensino médio, ou por algum problema social que os fez não prosseguir seus estudos, interrompendo o ensino fundamental ou médio.

Algumas dessas pessoas encerram por completo a aquisição de outros conhecimentos. A leitura passa a não ser tão frequente. Outras passam a ter contato com a leitura em busca da resolução de seus problemas materiais ou espirituais. Logo entra em cena a leitura da *Bíblia*, pois é notório que a *Bíblia* é o livro mais lido pela maioria da população. É o que aponta a pesquisa feita pelo Instituto Paulo Montenegro.

Nesta pesquisa, procuramos mostrar o benefício que a leitura da *Bíblia* traz para essas pessoas, mormente para as classes menos favorecidas, e como conseguem ter um vocabulário mais aguçado e diversificado. Mudando a estrutura linguística que possuem.

Nesta pesquisa, cujo título é: “A influência da escrita sobre a oralidade”, e o tema: “Mudança de comportamento linguístico em evangélicos menos escolarizados”, nosso objetivo é mostrar, que mesmo sem um conhecimento formal da língua portuguesa, torna-se possível enriquecer o vocabulário e conhecer o léxico através da leitura bíblica.

1.1. Língua, linguagem e sociedade

Sabemos que, na história das línguas, sempre houve confronto entre as forças de mudança e de repressão. No decorrer do tempo, alguns estudiosos queriam impor uma estrutura que viesse padronizar o uso da nossa língua, impedido assim o surgimento de novas for-

mas, no entanto isso não foi possível. O combate a novas formas pode frear criações descontroladas, mas é incapaz de impedir outras formas.

A língua, como é de nosso conhecimento, não é só código produtor de sentido, mas social. Inovações populares nem sempre configuram aberração linguística, mas, podem ser socialmente rejeitada por um grupo eletivo.

Uma língua não é estática, imutável, para Saussure (1975); todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período correspondente uma evolução mais ou menos considerável. Com o passar do tempo, vão ocorrendo várias transformações fonéticas, evoluções nas regras gramaticais, mudança de significação, palavras que desaparecem e outras que são criadas.

A linguagem é expressão não apenas do pensamento, mas também do sentido, da vontade, das emoções, e ainda quando o seja do pensamento, só muito raramente é que se tratará do puro pensamento lógico, discursivo, ordenado, refletido, ponderado.

A linguagem é um organismo natural, que como tal, nasce, vive, cresce, reproduz e morre. Pode-se concluir que ela apresenta períodos de apogeu, de decadência e de desagregação.

Mattoso (1986) comenta sobre uma linguagem dimensional que permeia nas possibilidades imposta pelos atos linguísticos, atingindo e interligando esferas distintas, porém, pertinentes para um entendimento conciso e coerente no ato da comunicação; seduzindo o homem a uma convenção.

1.2. Língua oral e escrita: formas antagônicas na sociedade

No que se diz a respeito das diferenças existentes entre língua oral e escrita, pode-se observar uma diferencia acentuada, pois ambas possuem uma característica peculiar, que são observadas a partir de comportamentos imanentes que permeiam no ato da comunicação.

Nos níveis da linguagem oral e escrita, percebemos que, uma comunicação é marcada pela visualização e outra pela audição, uma

vez que proporciona ao indivíduo uma clareza de ideias objetivas ou subjetivas. A oralidade é marcada por vários recursos que, no momento do discurso, facilita a comunicação.

É muito comum na língua oral; utilização da entonação de voz, o uso de gestos e mímicas. Além disso, temos a utilização dos membros inferiores, superiores e os componentes que formam o rosto.

Numa abordagem mais específica nas produções orais, nota-se a presença abundante e marcante de repetições; figuras de linguagem (anacoluto, onomatopeia...), mais coordenação, ausência da pontuação, omissões de termos e frases inacabadas; dando assim, outro sentido e trajetória para a frase. Convém destacar os marcadores discursivos como: “aí”, “daí”, “aí então”, “e aí”, “mas aí”, “e” e “mas”, logo, parecem ser os elementos coesivos fundamentais da oralidade, pois sua utilização na organização das estruturas frasais é flagrante em todas as produções orais.

Na escrita a pontuação é relevante, pois evita interpretações desnecessárias, logo é imprescindível ter cautela no ato de escrever e ler. A compreensão do enunciado depende da colocação precisa e singular da pontuação, dando um percurso certo ao discurso. É o que afirma Vanoye (1987, p. 42):

A pontuação tem uma função lógica; ela recorta o discurso em grupos de palavras e evita deste modo, os erros de interpretação. Nesse sentido ela é essencial à boa compreensão das mensagens escritas e nunca seria demais insistir sobre o cuidado que se deve ter em relação a ela, tanto no ato de escrever como na leitura.

A linguagem escrita tende a ter um vocabulário mais variado e de conveniência do usuário. A escolha lexical também proporciona ao indivíduo a exibição de um estilo próprio e o controle do grau de formalismo e coloquialismo de suas produções discursivas.

Para Vanoye (1987, p. 40), “A comunicação escrita é menos “econômica” e força o emissor a fazer referências mais precisas sobre a situação”. Normalmente funciona como elemento de efeito ou estilístico. O usuário letrado utiliza desse artifício com consciência e de forma a proporcionar maior clareza de ideias. No que se refere a essa modalidade, convém destacar características imanentes, como: maior linearidade, menor repetição, mais subordinação, períodos bem es-

truturados, mais objetividade e vocabulários mais elaborados. De fato, pode-se dizer que a língua escrita é a mutilação da linguagem oral, portanto é comum perceber a falta de elementos expressivos que fazem parte da língua oral.

1.2.1. Influência da linguagem escrita sobre a linguagem oral

É sabido que a oralidade tem como competência a capacidade dos indivíduos se comunicarem por meio de sistemas de sinais vocais. A criança desempenha essa capacidade a partir dos seus primeiros momentos de vida. O contato com a escrita vem muito depois, por isso a criança procura representar a escrita naturalmente através da fala. As crianças, quando ainda não manejam a língua dos adultos, não conseguem organizar os pensamentos e os tornar articulados, concatenados e nítidos. Logo teremos a presença marcante da oralidade sobre a escrita, uma vez que o indivíduo pouco letrado está submetido às características da fala, desprezando as peculiaridades que são próprias da escrita.

A partir do momento que é imposta ao indivíduo uma língua convencional e socializada, diferente daquele que costumava utilizar, ele vai procurar imitar a escrita na sua oralidade. Percebemos, então, o uso dos conectivos coordenativos e subordinativos na elaboração da frase, pois a estrutural da frase passa a ser mais complexa.

1.2.2. Influência da linguagem oral sobre a escrita

Uma das tarefas pertinentes que o indivíduo tem que assumir dentro da sociedade é a comunicação clara e objetiva, principalmente no momento de escrever. Para muitos, isso é um trabalho árduo e desgastante, mormente para aqueles sujeitos que possuem um grau de letramento insuficiente, pois a escrita requer uma estrutura mais organizada e disciplinada.

Brown (1981 *apud* BOTELHO, 2007, p. 50) elucida sobre duas fases: A anterior que dá o nome de pré-letramento, onde o indivíduo tem a escrita como segundo plano, portanto não a utiliza com frequência, logo a reprodução que fará na escrita é particularizada

pelo falante. E a fase posterior, na qual percebe os itens lexicais mais acentuados e organizados.

Para exprimir a influência que a linguagem oral tem sobre a linguagem escrita, Koch (1997 *apud* BOTELHO, 2007, p. 56): demonstra algumas variantes pertinentes nos textos escritos dos falantes “pré-letrados” como: “questão da referência, repetição, marcadores discursivos, justaposição de enunciados, discurso citado, segmentação gráfica, grafia correspondente à palavra ou sequência de palavras e autocorreção”.

Numa abordagem mais específica das produções orais, nota-se a presença abundante e marcante de repetições; figuras de linguagem (anacoluto, onomatopeia...), mais coordenação, ausência da pontuação, omissões de termos e frases inacabadas; dando assim, outro sentido e trajetória para a frase. Convém destacar os marcadores discursivos como: “aí”, “daí”, “aí então”, “e aí”, “mas aí”, “e” e “mas”, pois parecem ser os elementos coesivos fundamentais da oralidade, por isso sua utilização na organização das estruturas frasais é flagrante em todas as produções orais.

2. O que é discurso e quais suas modalidades

Compreende-se como discurso toda forma oratória, ou seja, toda arte de falar em público, e para ter essa arte é necessário que organize todos os elementos que forma o discurso, por exemplo: encontrar argumentos e colocá-los em ordem; com objetivos traçados. Portanto, é importante cuidar da estrutura do início e do término do discurso, pois são os elementos que irão particularizar o discurso e sua forma.

Alguns discursos possuem uma forma peculiar que não deixa o receptor com dúvidas ou faça algum tipo de questionamento, porque seu substrato possui segurança e confiabilidade, logo, existe a troca de papéis. Outros estão baseados e agarrados a uma reprodução do que foi dito anteriormente, porém mais elaborado. Contudo não são puros, eles se misturam havendo o predomínio de uma forma.

Veremos a seguir, três formas de discurso que permeia no cotidiano do indivíduo, são eles: o lúdico, o polêmico e o autoritário. Elucidaremos sobre suas características que o tornam único.

O discurso lúdico é marcado pela presença da polissemia, pois as palavras possuem múltiplos sentidos. A pluralidade em que os signos são expostos cria uma diversidade de sentidos. Logo o que parecia ser verossímil, tende a ficar questionada pelo receptor. o discurso polêmico o grau de persuasão é mais acentuado e o grau de significados aparece em menor escala.

Segundo Citelli (1985, p. 38) o discurso polêmico torna-se mais tendencioso à persuasão, pois o objetivo do transmissor é instigar a um questionamento mútuo, criando um confronto entre o eu e tu, pois há falhas nos argumentos apresentados diante do público, abrindo assim espaço para uma interação entre ambas as partes.

Citelli (1985, p. 39) corrobora, argumenta que o discurso autoritário é totalmente persuasivo, isto é, os elementos usados para a constituição desse tipo de discurso são totalmente incontroversos; devido o poder da troca de papéis que há, pois o este tipo de discurso não permite mediações e ponderações. O indivíduo fica alienado a esse tipo de discurso, por isso sua participação é insignificante, sendo somente um receptor passivo que do está sendo introduzido.

3. Modalidade discursiva

3.1. A influência do discurso autoritário: o discurso religioso

Pode-se afirmar que, para o discurso ser bom, devem-se buscar subsídios no diverso mundo da linguagem. E é imprescindível na personificação do indivíduo. Seu poder de persuasão está relacionado à credibilidade que o ouvinte lhe atribui.

Para Citelli (1985), a primazia dessa forma de discurso é incontestável devido o poder supremo de persuasão, pois é nesse tipo de discurso que se hospeda todo o subsídio no exercício de dominação da palavra. Não existe um questionamento, o receptor torna-se mudo, por mais que exista na trama o herói e o vilão. O herói é que domina, move toda a trama, deixando o vilão como um componente a mais da figuração.

O discurso autoritário nos remete, por analogia, a um rodeio composto por ele mesmo, e que o torna totalmente exclusivista, logo que não admite mediações e ponderações sobre aquilo que está sendo exprimido.

Citelli (1985): exprimi que o discurso religioso é a forma discursiva, claramente persuasiva, logo que seu grau de refinamento chega a um ápice no qual não se pode questionar o eu enunciatador. A voz de Deus impera sobre todas as vozes, instigando o receptor ao não questionamento de conceitos e concepções que lhes estão sendo inseridas.

A inerência do discurso religioso e suas formas; torna-o imponente e inequívoco para os receptores. Como explica Orlandi (1987):

A caracterização do discurso religioso é a reversibilidade, e, com respeito a esta propriedade, o que acontece é que, mesmo quando há relação direta com o sagrado, a não reversibilidade se mantém, mantendo-se a dissimetria. [...]. Como a dissimetria se mantém, é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter méritos, ter fé, etc. (ORLANDI, 1987, p. 247).

Para Orlandi (1987), é relevante o uso da reversibilidade, em discursos religiosos, pois eles tomam para si a relação coexistente de dois princípios, tornando-se dualistas. O sujeito passa a adquirir as qualidades do espírito, com o intuito de serem ouvidos e serem acreditados. É necessário que aconteça, essa troca de papéis entre alma e corpo; espírito e matéria, em discursos autoritários, a fim de convencer o ouvinte e serem acreditados. O discurso religioso está voltado a uma definição exata, tanto por parte de quem ouve o produz, quanto de quem o recebe, logo existe uma internalização do próprio Deus no indivíduo que profere esse discurso, e consequentemente o ouvinte tende a ser personificado e modelado.

3.2. Convencer e persuadir

Abreu (2006) elucida a dicotomia existente entre convencer e persuadir, pois ambos são antagônicos, quem se deixa convencer, mostra que seu intelecto pode alcançar outros campos, não sofre limitações, não se deixa conduzir por algo, ou ao que se lhe expões,

por outro lado quem é persuadido, é limitado, fica restrito a possibilidade que o outro oferece, admitindo ser marionetes, demonstrando assim, ser um sujeito verdadeiramente insipiente no meio em que vive.

3.3. A importância da clareza do discurso

Ao analisarmos um discurso, devemos ter cuidado para não perder a essência daquilo a que ele está se referindo, qual o ponto central, pois sabemos que o discurso é composto por uma riquíssima presença semântica, pela polissemia do texto direciona o ouvinte.

Há várias reflexões e, é claro, se o locutor não tiver um domínio linguístico, argumentativo e uma ação dominadora, não será possível uma comunicação clara e objetiva. O ouvinte passe a interagir e a questionar, por isso é extremamente relevante que tenhamos cuidados no momento da análise, levando em conta todas as outras significações que o discurso possa trazer. É importante que o interlocutor mostre clareza e objetividade, para que o receptor perceba o que emissor quer transmitir. Há uma relação múltipla proferida no ato discursivo, o momento no qual o orador se dirige aos ouvintes, os diversos campos que se abrem; as diversas formas de interpretação que se tem através do objeto de análise. “Um objeto narrativo, por mais abstrato, pode ser concretizado de múltiplas maneiras” (FIORIN, 2000, p. 40).

4. Oferta linguística

A *Bíblia* é ainda a principal responsável pela aquisição da linguagem na classe menos favorecida, isso é fato, pois é o que nos revela a pesquisa feita pelo Instituto Paulo Montenegro, logo que, existe uma classificação chamada de alfabetizados nível rudimentar, estando em anexo 2.

Na entrevista que fizemos com o diácono Reginaldo Ribeiro de Melo, da Assembleia de Deus, que está transcrita em anexo 3, percebemos, de fato, que a *Bíblia* ajuda o indivíduo a ter uma linguagem mais correta, embora algumas vezes sem concordância, mas com um enriquecimento vocabular mais apurado. Por exemplos, te-

mos o discurso do diácono. No discurso encontramos as seguintes falhas: o uso dos pronomes tu e você, onde deveria usar “te” no lugar de “você”; “pode” quando na verdade teria que usar o pôde; “passemos”, colocou o verbo no subjuntivo, teria que usar na forma indicativa, “dentro do teu coração, você consegue sentir ele”, percebe-se a falta de observação na colocação do pronome, deveria ser tu e não você; e outras incongruências na utilização da norma-padrão da língua, no decorrer do discurso.

No discurso percebemos que o locutor troca alguns verbos, tempos verbais e pronomes. Por mais que haja erros gramaticais, no seu discurso, o próprio entrevistado alega que a *Bíblia* ajudou-o a ter uma linguagem mais correta.

Aqui no Brasil, a *Bíblia* trouxe uma oferta linguística imprescindível na escrita e na oralidade, pois com sua leitura o indivíduo menos escolarizado consegue absorver a gramática de forma consciente, ou até mesmo, inconsciente.

A frequência da leitura bíblica causa nos indivíduos uma absorção da linguagem culta, incorporando em seu discurso e até mesmo no seu cotidiano.

Podemos dizer que o indivíduo passa por um novo processo de alfabetização, por mais que ele conheça um pouco da língua, acaba desenvolvendo melhor a norma-padrão da língua. Em alguns casos, indivíduos, que não sabiam ler ou escrever, passam a se alfabetizar através da *Bíblia*, é claro que essa alfabetização é rudimentar, pois o indivíduo só consegue ler frases e palavras.

Numa recente pesquisa feita pelo Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, cujo objetivo era mostrar quais são as habilidades de leitura e escrita dos brasileiros, assim como também que outras condições favorecem o desenvolvimento de tais habilidades ao longo da vida, revela com números e gráficos através do INAF – indicador de alfabetismo funcional, que o alfabetismo de nível rudimentar ainda é predominante. A pesquisa revela que muitos desses que compõe o nível rudimentar são divididos da seguinte forma: não costuma ler livros (29% e 16%) ou só leem um tipo de livro (42%), geralmente a *Bíblia* ou livros religiosos. Percebemos que a pesquisa comprova o que estamos abordando: de fato, a *Bíblia* ajuda o indivíduo no seu

desenvolvimento vocabular. O documento que comprova esta pesquisa está em anexo 2.

Citaremos como exemplo conciso dessa absorção o indivíduo A (ambulante, evangélico) e indivíduo B (ambulante, não evangélico) do filme “Línguas, vidas em português”, ambos de classe pobre e aparentemente de mesmo nível escolar, porém o que os difere são seus discursos. Como também, o diácono que foi citado acima, pois alegam que a *Bíblia* os auxiliou a ter uma linguagem mais correta.

O discurso do indivíduo A é mais obediente à gramática. Em dado momento ao entrar no coletivo e introduzir seu discurso, percebemos de imediato a norma-padrão da língua, começa dizendo a seguinte frase: “Eis que vos trago nessa manhã” e depois “se você se agrada da mesma”, “andava em uma vida dissoluta”. Nota-se que ele utilizou uma estrutura de frase que não é do uso diário. Usa nomes e palavras que não são de uso comum a pessoas menos escolarizadas, aparentemente existe certa preocupação na forma de colocar as palavras. Embora haja erros de concordâncias no momento que ele fala: “alguém falou que eu estava se escondendo por...”, mas assim mesmo percebemos um enriquecimento linguístico pelo hábito de ler com frequência a *Bíblia*. Por exemplo, as palavras: “dissoluta”, “periculoso” e “havia” não se ouvem no cotidiano das pessoas.

Já o indivíduo B usa uma linguagem mais solta e desprovida de recursos linguísticos; gírias, falha no uso da língua, que revela a ausência na preocupação com construções mais formais. Por exemplo, no momento em que ele fala: “essas balas todas, elas pesa/alumino”, observa-se que o verbo não concorda com o sujeito e nem existem palavras mais sofisticadas. Logo acreditamos que, se o Rogério fosse também evangélico, com certeza, haveria em seu discurso palavras mais elaboradas e sofisticadas.

A *Bíblia* beneficia pessoas de classe pobre, porque é a única fonte que consegue prender suas atenções, oferecendo a norma culta da língua portuguesa àqueles que, por algum razão, não conseguiram usufruir, na escola ou no meio social mais elevado, a norma culta da língua. Tendo nela, um dos únicos meios de contato com a norma-padrão da língua.

5. Conclusão

Após todo o estudo feito e as abordagens citadas nos textos anteriores, concluímos que o discurso bíblico tem grande influência na vida dos evangélicos, assim como sua escrita, principalmente em se tratando dos aspectos educacional e espiritual, a religião tem como base de seus estudos a *Bíblia*, sendo a mesma rica na gramática. Muito desses evangélicos tem um enriquecimento vocabular muito grande, isso é atribuído ao uso contínuo da leitura bíblica, em contrapartida existem argumentos que revelam que qualquer leitura enriquece o vocabulário de qualquer pessoa, seja ele evangélico ou não. Isso é fato, mas, na verdade, a leitura está restrita à população mais carente, visto que a população carente não desperta interesse por leitura que não viabilizar seus problemas, diferente da *Bíblia*, que traz uma resposta para seus problemas, conseqüentemente traz também um conhecimento vocabular mais aguçado, podemos constatar através desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2006.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BOTELHO, J. M. *A influência da oralidade sobre a escrita*. Monografia inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem), PUC-Rio, 1997.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

- HERNANDEZ, Hermanos. *Inteligência espiritual*. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2001.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L & PM, 1985.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MENDONÇA, Maurício. *As igrejas reformadas no Brasil*. Disponível em: <www.portaldoespirito.com.br>. Acesso em: 26 set. 2007.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.
- REEBER, Michel. *Religiões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- REVISTA Brasileira Bíblica*. São Paulo: Arte Antiga, 2007.
- SIGNATES, Luiz. *A ética do discurso religioso, entre o estratégico e o comunicativo*. Disponível em: <www.ademinas.com.br>. Acesso em: 15 out. 2007.
- SUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.